

## A LÍNGUA DO “CAMI”, A LÍNGUA DO “XIMO” A LÍNGUA DOS “CUGUES”, A LÍNGUA DA ‘GENTE BAIXA’

Eliza Atsuko Tashiro  
CEDOCH-DL/USP e UNESP/Assis



Pesquisa de imagem do séc. XVI japonês de Eliza Tashiro.  
Foto-montagem: Hayashi Design. Acervo CEDOCH-DL/USP

No Japão, encontram-se na literatura autóctone registros das variedades dialetais e socioletais desde o século VIII, em notas explicativas de obras como *Kojiki* [*Registro de Coisas Antigas*], compilado em 712 e *Nihon Shoki* [*História do Japão*], compilado em 720. Nelas, o vocábulo *zokugo* [língua vulgar] indicava os dialetos que não pertenciam à região da capital, Kyoto. O estigma de inferioridade desses dialetos regionais resistiu por séculos, testemunhado em várias obras como as célebres *Narrativas de Genji* (c. 1007). Foi somente no século XVII, quando o país alcançou a unidade política, que se verificou, na tradição japonesa, o interesse pelo estudo dessas variedades. Em *Katakoto* (1650), o haicaísta Sadamuro Yasuhara (1610–1673) recolheu e explicou os vocábulos das zonas rurais, os vocábulos vulgares, os vocábulos ‘errados’, opondo-os ao dialeto de Kyoto, considerado o padrão.

Não por acaso, pois, quando chegaram ao Japão em meados do século XVI, os comerciantes ibéricos e seus parceiros espirituais, os missionários jesuítas, surpreenderam-se a um tempo, com a sofisticação da cultura japonesa, com a diversidade lingüística e com a belicosidade dos senhores feudais, que estavam em incessante guerra pela unificação do país. De fato, naquele momento o Japão estava dividido em 68 reinos agrupados em oito províncias (Rodrigues *Tçuzu* 1953[1620-1633]: 106).

Talvez por esta razão, diferentemente do que se teria passado na América meridional, a *Arte da Língua de Iapam* (1604/1608), do jesuíta português João Rodrigues *Tçuzu* (c. 1561–1633), descreveu não apenas a variedade da língua japonesa escrita e falada na região de Kyoto, mas também fez referências às variedades usadas em alguns desses reinos, notando as diferenças entre elas, na pronúncia e no uso de alguns morfemas gramaticais e lexicais.

Por exemplo, Rodrigues *Tçuzu* registrou que, na região de Quantô e Bandô [hoje região de Tóquio], “...a syllaba, *Xe* pronunciam, *Se* I, *æ* ciciosamente. Vt, *Xecai*, dizem, *Cecai*, por *Saxeraruru*. *Saseraruru*...” e, ainda, que “...usam muyto do futuro da escritura acabado em, *Anzu*, I, *enzu*. Vt, *Aguenzu*, *Xenzu*, por *Aguêzu*, *Xôzu*...”. (Rodrigues *Tçuzu* 1976[1604-1608]: 170v)

Da mesma maneira, no *Vocabulário da Língua de Iapam* (1603), primeiro dicionário bilingüe Japonês-Português, de autoria conjunta de missionários europeus e nativos, a

sensibilidade às variedades se traduziu por observações como “...no *Cami* [= região da capital] fala-se...” desta maneira; ou então, “...no *Ximo* [= reinos da região ocidental onde o Cristianismo logo se implantou] fala-se...” de outro modo.

A *Arte* de *Tçuzu* também fez menção ao complexo sistema de variedades socioletais do Japonês, em que opôs a variedade privilegiada pela nobreza [*agues*] à falada pela ‘gente baixa’. Mas tal e qual a tradição autóctone, a *Arte* de Rodrigues *Tçuzu* privilegiou a variedade da capital, Kyoto, utilizada pelos *agues*, no sentido de reiterar que esta deveria ser a variedade a ser aprendida e utilizada pelos missionários europeus. A fala da ‘gente baixa’, assim como os dialetos de outras regiões que continham ‘abusos no falar e no pronunciar’, haviam sido registrados apenas para serem reconhecidos como tais pelos missionários, que não deveriam reproduzi-los, mas apenas serem capazes de compreendê-los na medida das necessidades das práticas confessionais.